

MOVIMENTOS SOCIAIS ONLINE: ANÁLISES DA COMUNICAÇÃO DOS GRUPOS POPULARES MTST E UTEP NO FACEBOOK

ONLINE SOCIAL MOVEMENTS: ANALYSIS OF THE COMMUNICATION OF THE POPULAR GROUPS MTST AND UTEP ON FACEBOOK

Mike Ceriani de Oliveira Gomes 1

Resumo: Com a forte adesão às mídias alternativas, diversos movimentos sociais, no Brasil e no mundo, aproveitam esta oportunidade para ampliar suas visibilidades, contando com comunicação em tempo real, larga extensão global e custo acessível. O novo desafio é estabelecer uma comunicação eficiente com seus públicos, integrando-os aos seus interesses e tornando-os “ativos”. Sob a orientação de uma metodologia de caráter quali-quantitativo, esta pesquisa analisa o desempenho de dois grupos populares na integração de membros em suas páginas no Facebook: o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, brasileiro, e a União dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Economia Popular – UTEP, argentino. O relato é concluído com adendos referentes à sua realização e às últimas considerações sobre o desempenho comunicativo dos dois movimentos analisados no Facebook.

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Redes Sociais. Desempenho.

Abstract: With the strong adherence to alternative media, several social movements, in Brazil and in the world, take advantage of the opportunity to increase their visibilities, counting on real-time communication, wide global reach and accessible costs. The new challenge is establishing an efficient communication with their audiences, integrating them to their interests and making them “active”. Through a qualitative-quantitative methodology, this research analyzes the performance of two popular groups in the integration of members on their Facebook pages: Homeless Workers Movement (MTST, Brazil) and the Union of Workers and Workers of Popular Economy (UTEP, Argentina). The report is concluded with some points referring to its realization and the last considerations on the communicative performance of the two movements analyzed on Facebook.

Keywords: Social Movements. Social Networks. Performance.

Introdução

A chegada do século XXI, no Brasil e no mundo, trouxe consigo transformações em vários aspectos sociais. Dentre esses aspectos, há destaque à nova visão de relacionamento interpessoal e à organização coletiva mediante uso da Internet, que não era uma novidade até então, mas propiciou uma era revolucionária com o surgimento das redes sociais, responsáveis pela viabilização de discussões políticas e disseminação de ideias em tempo real e a longo alcance.

Em alguns países da Europa e do Grande Oriente Médio, as redes sociais foram utilizadas como ferramenta fundamental para organizar manifestações contra governos ineficientes e regimes autoritários, surtindo resultados positivos pelo engajamento do público através das redes e pela solidez de suas pautas, modo de atuação este que, posteriormente, viria a ser aderido por países sul-americanos, com novas pautas (CASTELLS, 2013).

Reações como essas já foram previstas. Se não pelas redes sociais, de alguma forma a falta de representatividade e a indignação para com agentes públicos resultaria em uma resposta da sociedade civil. Ramonet (2007) aponta a internet como alternativa democrática na luta por direitos sociais, seja pela criação, seja pelo cumprimento dos mesmos. A internet viria a se tornar, portanto, segundo o autor, o “quarto poder”: uma ferramenta utilizada para chegar aos três poderes vigentes (legislativo, executivo e judiciário) enquanto não cumpridores de suas funções na esfera pública.

Atualmente, grande parte dos movimentos e ativismos sociais concentra-se na internet, o que facilita suas articulações na criação, organização e disseminação de demandas políticas e sociais, por isso há perspectivas animadoras para a internet enquanto ferramenta de exercício cidadão, desde que feito pelo fortalecimento dos mecanismos de ativismo já existentes e de uma cultura social que proporcione seu bom uso enquanto alternativo à mídia tradicional (LUVIZOTTO, 2016).

É importante recordar que muitos dos principais grupos ativistas de Direitos Humanos e Ambientais já apresentavam forte crescimento, mas a internet enquanto mídia independente os possibilitou que ampliassem suas formas de atuação, especialmente para denúncias (BARRETO, 2017). Há então em consenso geral a internet – e com ela a representação democrática de movimentos nas redes sociais – como indiscutível ferramenta ao desenvolvimento socialmente sustentável enquanto mídia alternativa. Igualmente, os autores explorados neste relato afirmam a importância das redes no suporte aos movimentos ativistas de ideias já consolidadas: o uso da mídia alternativa, assim como com as mídias tradicionais, não aumenta nem atenua a relevância de uma determinada pauta, mas viabiliza sua exposição.

Em um primeiro momento, essas demonstrações de representação social podem gerar estranhamentos, visto que uma gama de agendas políticas ganha força, algumas delas atuando em oposição, fator que marca também a potencialização de conflitos. Por outro lado, Rothberg *et al.* (2014, p. 229) lembram que mediante marchas, mobilizações, passeatas, concentrações, desobediência à ordem estabelecida e negociações em suas lutas pela efetivação “[...] de direitos civis, políticos e sociais garantidos por lei”, esses movimentos podem ser entendidos como “[...] um componente advindo do amadurecimento das democracias”.

Ainda que a cronologia dos movimentos sociais tenha um generoso espaço na história, o surgimento das redes e mídias sociais possibilitou a eles, além de maior visibilidade, maior maturidade e ampliação de suas agendas. Tem-se então um contexto em que junto à extensão da abrangência e visibilidade dos movimentos sociais, eles também passam a ganhar uma organização mais sólida e a fazer parte de um projeto político (GOHN, 2014). É preciso lembrar, porém, que o novo cenário em que se inserem os movimentos sociais após a ascensão das redes e mídias sociais também propicia, no entendimento de Gohn (2014, p. 20), a adesão de partidos políticos e sindicatos aos movimentos, visto que mesmo os partidos e sindicatos não sendo responsáveis pela convocação de algumas mobilizações, “[...] muitos deles pegam carona com o desenrolar das ações”.

Com base no exposto, este artigo se propõe a analisar o desempenho de dois movimentos sociais no Facebook: o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST, sendo este um movimento brasileiro, e a *Unión de Trabajadores y Trabajadoras de la Economía Popular* – UTEP, um movimento argentino oriundo da fusão de quatro outros movimentos e grupos sindicais:

Confederación de los Trabajadores de la Economía Popular – CTEP; Corriente Clasista y Combativa – CCC; *Movimiento Barrios de Pie*; e a *Frente Popular Darío Santillán*. A escolha dos dois movimentos se deve à forte relação deles com seus públicos no Facebook. Destaca-se aqui que este estudo respeita as diferenças culturais entre os países dos movimentos estudados, assim como suas peculiaridades.

Abordagem metodológica

De acordo com Prodanov *et al.* (2013, p. 24), entende-se por método científico o procedimento realizado para se atingir um determinado fim, ao passo que a ciência tem por finalidade a busca pelo conhecimento. Assim sendo, o método científico consiste em “[...] um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento”. Define-se esta pesquisa, em linhas gerais, como uma pesquisa de natureza quali-quantitativa.

Sobre uma série de dinâmicas sociais abordadas neste relato, toma-se para algumas análises a metodologia qualitativa para que seja possível avaliar a desenvoltura dos movimentos eleitos na rede social Facebook.

A metodologia quantitativa entra com a análise de dados como o número de membros que aderem as páginas principais dos movimentos no Facebook e suas interações perante conteúdos publicados pelos mesmos – reações, comentários e compartilhamentos.

Serão analisadas as cinco publicações realizadas nas páginas dos dois movimentos até o dia 27 de maio de 2020. Também será levada em consideração a frequência com que os movimentos vêm efetuando essas publicações na rede social.

Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST

Fundado em 1997, ao adotar uma roupagem urbanizada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST¹, O MTST (2020) caracteriza-se por ser uma reação ao modelo de cidade capitalista que “joga os mais pobres em regiões cada vez mais distantes”. De acordo com o movimento (2020):

[...] isso criou as condições para que os trabalhadores se organizem nos territórios periféricos por uma série de reivindicações comuns. Criou identidades coletivas dos trabalhadores em torno destas reivindicações e de suas lutas. Ao mesmo tempo, a organização sindical, no espaço de trabalho, tem tido enormes dificuldades em organizar um segmento crescente de trabalhadores (desempregados, temporários, terceirizados, trabalhadores por conta própria, etc.), a partir de transformações ocorridas no próprio processo produtivo, que tornaram as relações trabalhistas mais complexas e diversificadas.

O portal Politize! (2019) reforça que o movimento tem como sustentação a Constituição Federal de 1988, a qual apresenta a moradia como um direito social, nos dispostos do art. 6º, art. 7º, parágrafo IV (estes, englobando os direitos à educação, saúde, alimentação, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à materialidade e à infância, assistência aos desamparados, vestuário e higiene) e do art. 23, parágrafo IX, reforçando neste a obrigação da União, Estados, Distrito Federal e Municípios de “[...] promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico”.

A partir daí, a ação do grupo objetiva uma reforma urbana, o que, segundo Moraes (2019) inclui políticas para:

- Conter a especulação imobiliária, e por consequência a elevação do custo de moradia;
- Promover melhor aproveitamento de espaços nas cidades, combatendo a propagação de enormes lotes ociosos;

1 Informação obtida em: <https://www.politize.com.br/mtst-conheca-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>

- Ampliar a infraestrutura para as regiões menos favorecidas das cidades (levar saneamento básico às periferias, por exemplo).

O MTST no Facebook²

Até o dia 28 de maio de 2020, às 19 horas e 33 minutos (horário de Brasília), o movimento contava com 132.029 curtidas e 136.606 seguidores em sua página oficial no Facebook.

A tabela a seguir indica as cinco últimas publicações do grupo na rede, constando: dia e horário da publicação; tema (assunto) e formato (imagem ou vídeo) da publicação; reações às publicações; número de comentários e número de compartilhamentos.

Tabela 1: o desempenho numérico das publicações do MTST no Facebook.

Dia e horário da publicação	Formato/Tema da publicação	Número de reações	Número de comentários	Número de compartilhamentos
27/05/2020 às 10h00min	Imagem: distribuição de alimentos	52	1	10
26/05/2020 às 18h00min	Imagem: crítica à crise política do Gov. Federal	44	8	10
26/05/2020 às 12h00min	Vídeo: cantor pede ajuda para fundo solidário	44	1	4
26/05/2020 às 10h00min	Imagem: distrib. de produtos de higiene	61	3	23
25/05/2020 às 18h00min	Imagens: distrib. de máscaras em periferia	51	2	2
Intervalo: 1d16h	-	252 reações	15 coment.	49 compart.

Fonte: página do MTST no Facebook. (2020).

Ainda que apenas uma das publicações do MTST no período em questão se trate de uma crítica direcionada à crise política do Governo Federal, o movimento não se exime de mostrar seu lado crítico quanto à falta de políticas públicas de assistência social durante a pandemia de coronavírus.

Imagem 1: o slogan do MTST em publicações.



Fonte: página do MTST no Facebook. (2020).

Não obstante à reforma urbana, o MTST realiza trabalho de base em prol de pautas de assistência social, cuja divulgação no Facebook acompanha o slogan em forma de crítica “fazendo o que o governo não faz”.

² Acesso em: <https://www.facebook.com/mtstbrasil/>

Contando com fundos oriundos da participação popular, o movimento divulga em seu website os valores arrecadados com doações. Nessa condição, enquanto divulga suas ações em redes sociais como o Facebook, o grupo se encontra, de certa maneira, prestando contas da destinação das arrecadações ao público que se limita a acompanhá-lo nas redes.

É importante salientar que parte das informações obtidas a respeito do movimento foi coletada de fontes alheias ao website do MTST e à sua página oficial no Facebook. Essas informações fazem menção às principais bases de sustentação do grupo, mas estão ocultadas pelo movimento, sugerindo a leitura do livro publicado em seu tributo. Entende-se que parte dessas informações tem um valor muito importante e que deveria ser democratizada diretamente pelo movimento, reforçando ao público suas raízes e porquês.

Unión de Trabajadores y Trabajadoras de la Economía Popular – UTEP

Consolidada em 2019, com raízes da Confederación de Trabajadores de la Economía Popular (2011), do Movimiento Barrios de Pie (2001) e da Corriente Clasista y Combativa (1994), a UTEP pautas dos três movimentos que a fundaram, tendo como sua principal base os interesses da classe trabalhadora argentina.³

Sendo esse um movimento que adere a pautas sociais, à parte das da classe trabalhadora, tendo também o apoio direto de outros movimentos sociais e grupos sindicais, entende-se a UTEP como um movimento argentino que mais se assemelha ao MTST, levando em conta, evidentemente, a diferenciação das demandas argentinas e brasileiras da classe trabalhadora excluída, mas compartilhando logo em suas concepções a luta pela agenda pró-economia popular.

[...] a partir das duas últimas décadas do século XX, o termo economia popular passou a ser utilizado – de maneira geral – para fazer-se referência às atividades desenvolvidas pelos trabalhadores e trabalhadoras excluídos do mundo do trabalho assalariado ou que nele jamais tenham conseguido ingressar. A esses, somam-se aqueles sujeitos que, devido aos baixos salários e à perda dos direitos sociais assegurados pelo estado do bem-estar social, buscam, no trabalho por conta própria (individual ou associativo), a complementação de renda e dos bens simbólicos necessários à reprodução ampliada da vida (Icaza, Tiriba, 2009 p.150-151, *apud* Barbosa, 2018, p. 86).

Conforme segue a análise da articulação da UTEP no Facebook, será possível compreender mais a fusão dos interesses dos principais grupos que a deram origem, suas similaridades ao MTST, mas algumas diferenças na interação de seu público na rede social.

A UTEP no Facebook⁴

Até o dia 29 de maio de 2020, às 16 horas e 31 minutos (horário de Brasília), o movimento contava com 45.100 curtidas e 46.380 seguidores em sua página oficial no Facebook.

Seguindo o mesmo modelo de coleta de dados de desempenho do MTST no Facebook, está disposta uma tabela indicando as cinco últimas publicações da UTEP na rede social, onde se constata: dia e horário da publicação; tema (assunto) e formato (imagem ou vídeo) da publicação; número de reações; número de comentários e número de compartilhamentos.

³ Informação obtida em: <https://ctepargentina.org/nacio-la-utep/>

⁴ Acesso em: <https://www.facebook.com/utepargentina>

Tabela 1: o desempenho numérico das publicações da UTEP no Facebook.

Dia e horário da publicação	Formato/Tema da publicação	Número de reações	Número de comentários	Número de compartilh.
27/05/2020 às 16h45min	Imagem: debate sobre saúde pública	142	4	48
22/05/2020 às 12h50min	Imagem: promoção de pauta da UTEP	691	35	839
17/05/2020 às 14h30min	Vídeo: protesto “Justiça por Ramona”	114	4	46
09/05/2020 às 15h24min	Imagem: reivindicação e ação solidária	482	10	746
02/05/2020 às 21h33min	Imagem: pauta pró-economia nacional	182	-	75
Intervalo: 24d19h-12min	-	1611 reações	53 coment.	1754 compart.

Fonte: página da UTEP no Facebook. (2020).

Do mesmo modo que faz o MTST, a UTEP divulga seu slogan “#TierraTechoTrabajo”⁵ em algumas de suas postagens, deixando claro seu posicionamento no campo ideológico.

Imagem 2: o slogan da UTEP em publicações.



Fonte: página da UTEP no Facebook (2020).

É importante informar que as cinco últimas postagens do grupo englobam seus temas principais, mas dentro do método proposto para a realização deste artigo não foram destacadas postagens da UTEP em que o movimento manifesta apoio a outras pautas mais populares do campo social, como a violência de gênero. Além de o movimento adotar a pauta, sua comunicação tende a seguir a linguagem neutra de gênero.

Imagem 3: pautas da UTEP referentes a questões de gênero.



Fonte: página da UTEP no Facebook (2020).

A colagem acima, integrando duas postagens do grupo, contempla, respectivamente, um alerta à violência contra a mulher durante o período de quarentena preventiva ao novo coronavírus e um alerta para que a população não saia para além de seu bairro. O que deve ser considerado na segunda imagem, porém, é a abertura “*de esta salimos juntxs*”⁶.

Vale ressaltar que, até o momento da realização desta análise, (29 de maio de 2020, às 23h10min.), a segunda postagem contava com 473 reações, 378 compartilhamentos e 30 comentários de 29 usuários diferentes. Dentre os usuários que comentaram a postagem em questão, 16 se identificam na rede social pelo sexo feminino, 12 se identificam pelo sexo masculino e um deles não apresenta nenhuma identificação. Apenas pelas considerações numéricas já se pode constatar que o grupo obtém sucesso ao incluir o público feminino no debate político, podendo manter o protagonismo de sua luta por pautas econômicas e ao mesmo tempo incluir a igualdade de gênero.

Comparações entre as atuações do MTST e da UTEP no Facebook

Quanto aos dados numéricos, se percebe três características que mais diferenciam o MTST e a UTEP quanto aos seus desempenhos no Facebook: o número de seguidores, a frequência de publicações e a intensidade da interação de seus seguidores (reações, compartilhamentos e comentários).

Nos períodos analisados, segundo os dados dispostos acima, a página da UTEP concentrava aproximadamente 34,16% de curtidas e 33,95% de seguidores do número total do MTST, apresentando um aparente potencial reduzido da página argentina.

Para corroborar a constatação apresentada acima, pode-se mencionar o intervalo de tempo entre as cinco postagens do período analisado, sendo uma distância de 1 dia e 16 horas para o intervalo entre a primeira e a quinta publicação do MTST no período e 24 dias, 19 horas e 12 minutos para o intervalo entre a primeira e a quinta publicação da UTEP no período. Há, portanto, uma média de 8 horas entre cada publicação do MTST, ao passo que a UTEP realizou publicações em uma média de 3,5 semanas.

Quando se observa a interação dos membros em cada página, porém, os números vistos em um paralelo comparativo não são compatíveis a números de curtidas e seguidores de cada página, tampouco a frequência com a qual cada movimento realiza publicações nas mesmas.

As reações às postagens analisadas na página do MTST somam 252, enquanto as da UTEP somam 1611 entre “*curti*”, “*amei*”, “*hahaha*” (risos), “*uau*” (surpresa), “*triste*”, “*grrr*” (raiva) e de “*preocupação*”. Não houve a preocupação em classificar reações durante a análise, pois a única que daria margem a observações diferenciadas seria a análise de raiva, o que não necessariamente indica uma reação de raiva do usuário ao veículo da publicação (a página do movimento no Facebook), mas à informação em si.

Nas cinco postagens analisadas no período em questão, concentra-se um total de 15 comentários nas postagens do MTST e 53 comentários nas postagens da UTEP. Quanto aos compartilhamentos dessas postagens, o movimento brasileiro conta com 49 ao lado de 1754 compartilhamentos das postagens do movimento argentino. A constância na participação dos membros de cada movimento em suas páginas, portanto, não acompanha a cifra de adesão em termos de seguidores e curtidas.

Um argumento que poderia ser usado para justificar a menor interação de membros na página do MTST seria o intervalo entre as postagens. Uma vez que a metodologia elegida para a realização das análises fixa apenas um número de postagens, não impondo um limite de tempo entre elas, se diria que os membros da UTEP tiveram mais tempo para interagir, o que justificaria esses números. Para contestar tal afirmação, propõe-se uma análise para contemplar exclusivamente a última postagem de cada movimento.

A última postagem na página do MTST no dia 27 de maio de 2020, analisada em 28 de maio de 2020, às 19 horas e 33 minutos (horário de Brasília), continha 52 reações, 1 comentário e 10 compartilhamentos. 21 horas e 52 minutos depois, foi consultada a página da UTEP, cuja última postagem foi 6 horas e 45 minutos mais recente que a do MTST e apresentou uma

6 “*Desta saímos juntxs*”, sendo “*juntxs*” a linguagem neutra, agregando os diversos gêneros.

cifra de 142 reações 4 comentários e 48 compartilhamentos.

Há então um hiato real de 15 horas e 7 minutos entre as análises da última postagem de cada movimento. Nesse período, o MTST contemplava aproximadamente 32,62% do número de reações, exatos 25% do número de comentários e aproximadamente 20,83 compartilhamentos em relação às cifras apresentadas pela UTEP. Ao consultar a mesma postagem na página do Facebook do MTST no dia 30 de maio de 2020, às 18 horas e 8 minutos (excedendo o hiato real entre a análise da última postagem do MTST e UTEP), foi encontrada a cifra de 53 reações, 1 comentário e 11 compartilhamentos, diferença de 1 reação e 1 compartilhamento a mais, ou seja, ainda longe do desempenho numérico de engajamento dos membros da página da UTEP.

Considerações Finais

A descrição dos dois movimentos estudados deixa claro que, com suas semelhanças, eles também têm diferenças, o que não desmerece o histórico de nenhum. Cada movimento assume um determinado papel social, ambos em países diferentes, atendendo a demandas diferenciadas e em cenários muito dinâmicos. Assim sendo, exime-se aqui, caso não o tenha ocorrido, quaisquer interpretações dos leitores de um possível julgamento referente à agenda ou à gestão dos movimentos. Reforça-se então a interpretação de desempenho dos mesmos na rede social Facebook.

É importante esclarecer também que as análises numéricas igualmente não têm a pretensão de apontar erros na forma como cada movimento atua na rede social, mas abrir discussões acerca da relação entre a adesão às páginas das redes e a frequência de participação dos membros nas mesmas. Na era da convergência midiática, se um cidadão ou uma cidadã dispõe de seu tempo para interagir na página de um determinado movimento social que abre ao mesmo público suas ideias e objetivos, o público é integrado a esta agenda, e o movimento conquista maior visibilidade pela comunicação democrática.

Como ambos os movimentos sofrem influências externas em virtude de dinâmicas sociais, como a gestão de governos locais e federais que positiva ou negativamente se relacionam com suas agendas, há de se considerar novas variáveis para obter avaliações mais exatas sobre o desempenho dos públicos nas páginas do movimento social. MTST, por exemplo, milita em um cenário de gestão pública desfavorável às suas pautas, já a UTEP, no pós-Macrismo, atua em um cenário mais favorável, tendo a agenda pró-trabalhismo compartilhada com o Governo Alberto Fernández.

Referências

BARBOSA, T. V. Economia popular: da economia política a um conceito operacional. **Revista brasileira de planejamento e orçamento**, v. 8, n. 1, p. 81- 104, 2018.

BARRETO, G. **Cidadania e internet**: entre a representação midiática e a representatividade política. Curitiba: Appris, 2017.

BRIGADA DE COMUNICAÇÃO DO MTST. **As linhas políticas do MTST**. Disponível em: <https://mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>. Acesso em 27 mai. 2020.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CTEP Argentina. **NACIÓ LA UTEP**. (2019). Disponível em: <https://ctepargentina.org/nacio-la-utep/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GOHN, M. G. **Sociologia dos movimentos sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LUVIZOTTO, C. K. Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras. **Comunicação e sociedade**, v. 30, p. 297-312, 2016.

MORAES, I. **MTST**: Conheça o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. (2019). Disponível em: <https://www.politize.com.br/mtst-conheca-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMONET, I. O quinto poder. In: CASTELLS, M.; RAMONET, I.; MARTINS, A.; HALIMI, S.; BRUNE, F.; LIMA, V. A.; PILGER, J.; BENTES, I.; VIDAL, D. **Caminhos para uma comunicação democrática**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007, p. 29-44.

ROTHBERG, D.; LUVIZOTTO, C. K. VANZINI, K. V. S. As revoltas e seu impacto sobre a comunicação pública: o potencial do Observatório Participativo da Juventude. **Liinc em Revista**, v.10, n.1, p. 227-240, maio de 2014.

Recebido em 01 de julho de 2020.

Aceito em 24 de junho de 2021.